

A bunda incômoda de Anitta e a sombra de um país que nega liberdade ao corpo feminino

Por: Andréa Alencar

Professora / analista

No último dia 27 de novembro, pudemos assistir a dois times brasileiros na final da Copa Libertadores da América e para melhorar o evento, como vem se tornando comum em eventos esportivos, tivemos uma atração artística e, sendo assim, nada melhor que Anitta para abrir uma final de futebol entre brasileiros. Será? A apresentação da artista causou polêmica e furor entre os moralistas de plantão, mas, por que será que Anitta incomoda tanto?

Estamos no século XXI, já longe do tempo em que nós mulheres precisávamos rasgar sutiãs em praças públicas para afirmar que somos donas dos nossos próprios corpos. Será? Durante muitos anos o corpo da mulher foi comercializado por uma lógica machista e, sim, especialmente no Brasil, era vendido como uma atração turística, a sensualidade do feminino brasileiro era (ou será que ainda é?) moeda. Era um feminino associado à Terra pronta para ser explorada, devastada, usurpada, violentada. O corpo precisava ser negado, escondido, a sensualidade era aceita, apenas, como objeto a ser vendido para gerar lucro à lógica machista do patriarcado.

Mas, diante de lutas diárias, de contestações frequentes de mulheres que tiveram, muitas vezes sua voz calada, as Leilas, Pagus, Marielles, Maris Ferrers,... o feminino veio e vem se colocando contra essa lógica do corpo exposto para exploração, mas e qual a representatividade de Anitta no meio disso tudo? Ela confirma a ideia de que, “Nem toda brasileira é bunda”, mas posso ser bunda também, posso mostrar a bunda e o mais importante, a bunda é minha. Anitta representa o resgate de uma sensualidade que vende, mas que vende favorecendo a lógica feminina, sou mulher, sou sensual, o corpo é meu e posso utilizá-lo da maneira que eu quiser. Enquanto mulher, e bunda e sensualidade estou aqui, mas não mais para ser explorada, devastada,

usurpada, violentada, estou aqui porque quero, porque o corpo é meu e é feminino, sensual, exuberante, aproveite, admire, compre (claro, vivemos em um mundo do capital. E como Anitta vende!), mas, não suponha que por exibir a minha sensualidade esse corpo te pertence ou que você poderá calar e reduzir a minha voz.

Então, por que Anitta e sua bunda incomodam uma parcela do Brasil? Justamente porque representa essa liberdade de corpo e expressão do feminino, de uma mulher que, além de bunda, é uma empresária bem-sucedida, que fala e opina sobre o que quer, choca por escancarar que sou dona desse corpo e dessa voz. É muito mais fácil, portanto, que uma parcela ameaçada desse patriarcado se atenha a falsos valores morais para criticar e menosprezar a expressão artística e agora também política da cantora, afinal é uma ameaça, ela pode trazer à consciência de várias meninas que seus corpos não estão aí a disposição de uma lógica moral que reprime e explora. De acordo com Jung (Apud, 2019, p.20), “O processo de conscientização é um processo cultural e através do processo cultural somos fortemente separados de um mundo originalmente repleto de sentido e sentimento.” Então como abandonar o que fazia sentido, como vivenciar esse novo sentimento? Ainda de acordo com o autor, “É uma perda positiva quando não possuímos mais isso.”

É uma perda positiva, porque nos impulsiona, nos coloca diante de novas possibilidades e nos oportuniza rever padrões equivocados de comportamento. Durante muito tempo se ensinou as meninas a esconderem seus corpos ou pior que seus corpos não lhes pertencia, “menina não senta de perna aberta”, “essa saia, esse decote etc. está expondo muito do seu corpo”, “ela estava lá com aquela roupa, praticamente pediu para ser estuprada” ou a mais recente, em uma aula de medicina, em um nicho privilegiado da sociedade, aquele que deveria ensinar, fala(em sua aula, sobre como realizar a intubação de um paciente) à sua aluna, “quando você for estuprada vai preferir com lubrificante ou sem lubrificante?” O chocante da fala é a lógica de que a mulher está aí para, possivelmente, ser estuprada em algum momento de sua vida. E é exatamente aí que está a importância de Anitta, ela quebra essa lógica de que o corpo feminino deve andar escondido, pois é um corpo que pertence ao homem, ao patriarcado para que faça dele o que quiser. Ela quebra essa lógica para milhões de meninas que, sim, hoje balançam suas bundas e que isso não quer dizer que

querem ser violentadas, exploradas, submetidas ou que tenham que se contentar em ser, só bunda.

O funk é sensual e nasce nas periferias e zonas marginalizadas da sociedade, mais um motivo para ressaltar a importância dessa expressão artística, afinal a lógica, do conservador, diz que o que é popular é vulgar e de pouco valor. E Anitta escancara a nossa sombra moralista, repressora, preconceituosa, elitista e por isso, incomoda. De acordo com Murray Stein (2019, p.38), nos depararmos com a nossa sombra significa “colocar em questão as autoilusões mais caras a que a pessoa se agarra, e que têm sido usadas para sustentar a autoestima e manter um senso de identidade pessoal.” Desde a nossa fundação, de Brasil, internalizamos, aprendemos e aceitamos (não sem resistência, claro, de uma parcela do feminino) que o corpo da mulher fazia parte dos espólios de exploração da terra brasilis, especialmente o corpo da mulher negra (mas, essa é outra conversa, para outro texto, pois se faz ainda mais ampla). A mulher sensual não podia também ser inteligente, estar nas salas de medicina, nos ambientes do Direito, da Educação ou ser uma cantora sensual e empresária de sucesso, ela tinha que se resignar a ser só bunda. Se quisesse ser mais que isso precisava abandonar o feminino, precisava aceitar a lógica patriarcal.

Portanto, a manutenção desses valores, por mais que sejam equivocados e agressivos diante do feminino, estabelecem uma zona de conforto, uma não necessidade de confronto com aquilo que eu considero feio em mim. Como aceitar que eu sou uma pessoa que discrimina, explora e submete um outro? Ou pior, que estou confortável no lugar do algoz? Não, eu não faço isso, a minha preocupação é com o bem, com a moral e os bons costumes, com a palavra de Deus, afinal sou bom. Mas, o que essas pessoas “boas” se esquecem, nesses momentos, é da reflexão sobre o que é bom e sobre o seu próprio mal, sobre a sua feiura. Stanton Marlon (2019, p. 30) afirma sobre a sombra que, “Voltar-se à escuridão significa encarar as partes inaceitáveis, indesejáveis ou subdesenvolvidas de nós mesmos, o aleijado, cego, cruel (...)” e eu acrescentaria o opressor, o violentador, o machista...

Ou seja, somos invadidos por essas ideias conservadoras sobre o corpo, de forma inconsciente e esses temas de poder e subserviência nos tomam. Então, a partir disso, é possível afirmar que esse incômodo direcionado a Anitta

vem de um complexo cultural constelado, me sinto representado por um grupo que se opõe a esse corpo exposto que me ofende, me choca e meche com uma lógica que é uma zona de falsa segurança e conforto. De acordo com Catherine Kaplinsky (2019, p.60)

“Complexos culturais são baseados em experiências históricas frequentemente repetidas que se enraizaram na psique coletiva de um grupo e nas psiques dos membros individuais de um grupo, e eles expressam valores arquetípicos para o grupo.”

Ainda sobre isso, Beebe, (2004, p. 228) afirma que “Como qualquer outro complexo, o complexo cultural cria conflito interior; ocasiona ansiedade, raiva e depressão; (...)” Sabemos o quanto os moralistas de plantão atacam Anitta, quanta raiva é direcionada a ela, mas temos também aqueles que se dizem não moralistas, mas questionam o pra quê de expor o corpo dessa forma, afinal entendem como desvalorização do feminino e, (como um bom complexo constelado), sequer percebem que estão defendendo a mesma lógica que, muitas vezes, na base da consciência, questionam. E claro, isso gera o adoecimento social que acompanhamos atualmente no Brasil, onde o feminicídio e a agressão à mulher aumentam a olhos vistos, afinal é preciso retornar esse corpo e essa voz ao silêncio, ao encoberto, ao explorável. Portanto, como aceitar alguém que subverte essa ordem?

De Anitta, quando a sociedade pressupõe (ou determina) que ela erra, nunca ouvi falar que “ela é só uma menina”, ouvi, sim, vários impropérios e xingamentos (que não cabem a reprodução aqui). Mas, já ouvi várias vezes sobre Neymar Jr. o jogador de futebol, “ele é só um menino”, importante ressaltar que aqui não pretendo estabelecer nenhuma crítica ao comportamento do jogador, não é essa a proposta. A reflexão é sobre a lógica patriarcal e que a nossa sombra não nos deixe negar, o quanto reforçamos essa lógica. Voltando à artista mote deste texto, ela tem hoje, apenas 28 anos, é uma mulher muito jovem, não a chamarei de menina para não desmerecer a importância da atuação dela, enquanto mulher e influenciadora que é de, aí sim, uma geração de meninas e também, claro, mulheres. Anitta é bem-sucedida, sucesso internacional e empresária de si mesmo, do alto de seus 28 anos, sim, não é uma menina, é uma Mulher que expõe seu corpo sem medo da lógica patriarcal,

confronta e reafirma, esse corpo é meu, assim como essa voz que pode falar sobre o que quiser.

Não é possível banir a sombra para sempre, ela nos pertence, o que se pode fazer é refletir, é aceitar, é questionar. Ao ver Anitta e sua bunda não evite o incômodo, ele pode ser inevitável, mas é importante questioná-lo, refletir sobre ele, encarar o seu preconceito de frente, essa é a única possibilidade de transformação, essa é a única possibilidade de encarar quem você é, e mudar, transformar uma lógica que mata, oprime, explora, em uma lógica que liberta.

Do alto dos meus 56 anos, agradeço à minha filha, ao meu filho e as minhas jovens clientes por me apresentarem Anitta e sua música, mas agradeço especialmente à artista por me oportunizar o confronto com meus padrões pré-estabelecidos, com a minha sombra. Agradeço pela oportunidade de entender que, como dizia Rita Lee, “Nem toda brasileira é bunda”, hino da minha época, mas que hoje as meninas, mulheres podem ser bunda também e essa bunda pertence somente à elas e que elas podem dançar sensualmente e por à mostra os belíssimos contornos dessa parte do corpo, sem que, com isso, se transformem em objeto a ser explorado, vilipendiado, violado, silenciado. E quem quiser que resista a música contagiante de Anitta, mas que se permita refletir, lidar com seus preconceitos, seus complexos, antes de pensar em criticar a exposição do corpo dela, a partir de um viés moralista patriarcal. E depois, sugiro, liberte-se e dance. E que cresça o baile das poderosas.

Contato: andrea.alencar.mel@gmail.com

Referências:

Beebe, J. (2004). A clinical encounter with a cultural complex. In: Singer, T, & Kimbles, S. (eds). *The cultural complex: Contemporary jungian perspectives on Psyche and Society*. Londres/Nova York: Brunner-Routledge, 223-236

Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de Carl Gustav Jung/ editado por Murray Stein, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2019;